

## **A adoção da linguagem moderna dos edifícios públicos e privados da região de Viçosa-MG: um inventário e uma análise formal**

Bruno Dalto do NASCIMENTO\*, Tamyres Virginia Lopes SILVEIRA<sup>a</sup>,  
Tatiana Paiva XAVIER<sup>b</sup>, Romell Fernando Varoto BARBOSA<sup>c</sup>, Maria  
Marta dos Santos CAMISASSA<sup>d</sup>, Josélia Godoy PORTUGAL<sup>e</sup>

\* Graduando em Arquitetura e Urbanismo/UFV  
Rua Colatina, 2 Bairro Zumbi  
Cachoeiro de Itapemirim-ES  
[brunodalto@gmail.com](mailto:brunodalto@gmail.com)

<sup>a</sup>Graduando em Arquitetura e Urbanismo/UFV

<sup>b</sup>Graduando em Arquitetura e Urbanismo/UFV

<sup>c</sup>Graduando em Arquitetura e Urbanismo/UFV

<sup>d</sup>Ph.D., professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo/UFV

<sup>e</sup>M.S., professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo/UFV

## Resumo

A falta de interesse e desconhecimento por parte das autoridades e da sociedade civil do seu acervo histórico tem provocado uma perda irreparável. A ampla maioria dos inventários patrimoniais de cidades de pequeno e médio porte não tem dado muita atenção às obras de uma linguagem moderna, pelo que pode ser constatado em consulta à lista de obras inventariadas (móveis e imóveis) nos documentos do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA). Diante deste quadro, mesmo com a repercussão internacional em meados do século XX, as muitas lacunas sobre a produção brasileira exigem uma ação imediata dos pesquisadores. Essa lacuna pode impressionar quem pesquisa a arquitetura da Zona da Mata mineira. A cidade de Viçosa, por exemplo, vem recebendo uma forte influência externa com o constante fluxo de pessoas desde a fundação, em 1926, da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV, hoje Universidade Federal de Viçosa/UFV), quando foi criada uma demanda por novas instalações e serviços. Atualmente, a eliminação de muitos exemplares de linguagens eclética e moderna é notória como resultado imediato da especulação imobiliária em andamento. O presente trabalho objetiva apresentar uma análise sucinta de algumas das obras com linguagem moderna dos municípios na região de Viçosa e assim contribuir na tentativa de acrescentar argumentos para a salvaguarda de alguns desses exemplares.

**Palavras-Chave:** Arquitetura Moderna, Viçosa, Zona da Mata mineira, inventário.

## Abstract

The lack of interest and recognition by the authorities and civil society of its heritage has caused an irreplaceable loss. The large majority of heritage registration in small and medium sized towns has not paid attention to those works in a modern language which may be checked in the inventory list (be either on movable cultural objects or on unmovable ones like buildings and monuments) in the documents of the Minas Gerais state Institute for Historical and Artistic Patrimony (IEPHA). Hence, even with the international repercussion in the media by the middle of twentieth century on the Brazilian achievements, the many gaps demand an immediate action by researchers. This gap may impress those who study the architecture of the Zona da Mata of Minas Gerais. The town of Viçosa, for instance, has been receiving a strong foreign influence after the constant flow of people since the foundation of the Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV, today the Universidade Federal de Viçosa) in 1926 when a demand for new premises and services was set out. Nowadays, the disappearance of many samples of eclectic and modern language is notorious as an consequence of the land speculation under way. The present

**9º seminário docomomo brasil**

interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente  
brásilia . junho de 2011 . [www.docomomobsb.org](http://www.docomomobsb.org)

paper aims at the presentation of a brief analysis of a few of such works which followed a modern language in Viçosa and its neighbourhoods and, therefore, contribute to widen arguments in the preservation of some of these samples.

**Keywords:** Modern Architecture, Viçosa, Zona da Mata of Minas Gerais, inventory.

## Introdução: contexto histórico

Diferentemente do que aconteceu na Europa e nos Estados Unidos, houve no Brasil um modernismo a seu modo, ou melhor, *avant la lettre*<sup>1</sup>. Apesar da participação de arquitetos ter sido pequena, a Semana de Arte Moderna em 1922 deu sua contribuição ao apresentar a insatisfação de um pequeno grupo quanto ao que se produzia no país (AMARAL, 1972). Em um país em vias de industrialização e com um visível afã modernizador, a irradiação cultural da Semana se projetou além dos objetivos iniciais.

Na sequência, se pode explicar por que o país recebeu a visita de Le Corbusier em 1929, tendo assessorado a equipe brasileira no projeto do edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública em 1936 em sua segunda visita. Em 1956, o concurso de Brasília selou o compromisso governamental com a linguagem arquitetônica moderna após a experiência pioneira na Pampulha, Belo Horizonte-MG, direcionada ao lazer de uso público para uma pequena parcela da população também subvencionada pelo governo municipal<sup>2</sup>. Em algumas outras situações, os governos locais também foram responsáveis pela adoção da linguagem modernizante como é o caso dos edifícios públicos de Goiânia, nova capital de Goiás, com suas obras Art Déco e o precoce modernismo pernambucano, ambas nos anos trinta, com as contribuições de Atílio Correa Lima, Luiz Nunes e Roberto Burle Marx (BRUAND, 1991; SEGAWA, 2002).

Com uma produção própria e de larga escala, o restante do país se filiou ao Movimento Moderno. Essa adoção não é visível apenas na produção institucional. LARA (2005) afirma que se, em 1940, tínhamos apenas 2 milhões de domicílios contra 35 milhões atualmente, então a maior parte das nossas residências foi influenciada pelo Movimento Moderno. Essa afirmação, no entanto, não deve ser entendida de forma literal<sup>3</sup>. O

---

<sup>1</sup> A expressão *avant la lettre* acima se emprega nesse artigo para lembrar ao leitor de que as artes brasileiras adotaram o Modernismo paralelamente ao processo de industrialização que ocorria no país. Na Europa e na América do Norte, em particular nos Estados Unidos, houve, a partir da Revolução Industrial, uma transformação de todo o cotidiano urbano da população e foi esse contexto uma das principais causas de mudanças das orientações artísticas da época e mesmo de sua função junto a essa nova sociedade. No Brasil, é justamente a concomitância dos fatores econômicos favoráveis (mas não ainda resultados de um processo de industrialização, ainda incipiente) e de divergências artísticas em prol de um mundo moderno que faz com que possa se dizer que houve aqui um modernismo *avant la lettre*.

<sup>2</sup> Nesse sentido, é preciso lembrar que embora a nova capital mineira crescesse progressivamente, a construção do centro cívico estadual e municipal estava em constante atividade desde a sua inauguração em 1893. A linguagem inicialmente adotada era a que estava em voga em todo o mundo: o ecletismo resultante das linguagens importadas pelo intenso comércio voltado para as exportações de produtos agrícolas pelos países periféricos e das importações de produtos manufaturados nas metrópoles européias e norteamericanas. Nos anos trinta, a paisagem urbana começa a mudar com a introdução de novas tecnologias e de uma aparência protomodernista de volumes bem definidos e mesmo assim com uma ornamentação geometrizada.

<sup>3</sup> É importante pontuar que as referências ao moderno que se encontram de forma ampla na produção nacional pode se reduzir a apenas algumas composições, como por exemplo as fachadas, onde muitas

percentual de obras projetadas por profissionais especializados e com o propósito consciente de filiação ao Movimento reduz radicalmente esse contingente.

Apesar de tamanha produção, os trabalhos de preservação sofrem com a falta de documentação desse acervo. Além disso, os estudos e publicações dessa produção em um passado recente se concentraram sobre as grandes cidades. A atenção ao restante do país tem privilegiado as obras de grandes nomes já consagrados, como os projetos de Oscar Niemeyer em alguns municípios do interior mineiro, deixando de lado um acervo digno de estudos.

Apesar disso, alguns trabalhos de documentação da produção moderna devem ser citados como contribuição à preservação e documentação do acervo modernista como o da Universidade Federal de Uberlândia coordenado pela prof<sup>a</sup>. Beatriz Cappello que vem fazendo um inventário do modernismo no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba<sup>4</sup>. Outro trabalho que se destaca é o da Universidade Federal da Paraíba sob supervisão da professora Nelci Tinem<sup>5</sup>.

Como é sabido, a orientação dos institutos brasileiros de patrimônio histórico se dirigiu até recentemente à proteção quase exclusiva de obras de um período longínquo, sejam obras móveis ou imóveis, deixando a produção do século XX mais vulnerável. O desinteresse gerado pelas autoridades incentiva a não preservação do moderno por parte das comunidades. Os próprios conselhos municipais de proteção ao patrimônio, formados em geral por representantes da comunidade local e, muitas vezes, leigos no assunto, têm dificuldades em entender a razão de uma defesa esporádica de exemplares modernos recentes mas significativos para a história local.

Nosso recorte para análise é a Zona da Mata mineira que foi ocupada a partir do início do século XIX, mesmo assim de forma rarefeita. O processo de urbanização só se intensificou ao longo do século XX quando a

---

vezes a referência ao moderno não permanece quando analisamos implantação, planta baixa, tecnologia empregada, etc.

<sup>4</sup> Os resultados desse trabalho estão disponibilizados em [http://www.faurb.ufu.br/doc\\_moderno/index\\_docomomo.html](http://www.faurb.ufu.br/doc_moderno/index_docomomo.html). Acesso em: Fev.2011. Também em Minas Gerais alguns trabalhos são interessantes nesse sentido como o tombamento do conjunto da Pampulha em Belo Horizonte e de uma poligonal do centro de Cataguases, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1995 (BRASIL, 2010). É interessante mencionar o trabalho na região de Passos, no sul de Minas, realizado pela Faculdade de Engenharia de Passos com a coordenação do prof. Mauro Ferreira, com o apoio da Fapemig e da Edifesp.

<sup>5</sup> Seu trabalho gerou o catálogo publicado para o 3o. Seminário Norte Nordeste João Pessoa – Paraíba em 2010 com o título “Pequena mostra de Arquitetura Moderna: João Pessoa e Campina Grande nos caminhos do mo\_mo.tur”. Outros pesquisadores brasileiros que têm desenvolvido trabalhos nesse sentido são Luiz Amorim na UFPE, Alcília Afonso na UFPI e Ângelo Arruda na UFMS.

industrialização ou atividades a ela relacionadas se confirmou como consequência do capital extraído da produção cafeeira (JACOB, 1911). Em Viçosa, as atividades acadêmicas e o grande afluxo de pessoas geraram influências culturais variadas (PANIAGO, 1991). Arthur Bernardes, presidente no período da República Velha entre 1922 e 1926, natural de Viçosa e fundador da ESAV (Escola Superior de Agricultura e Veterinária), pode ser responsabilizado pela ratificação nessa cidade da linguagem eclética então em voga com a construção de sua própria residência junto à Matriz paralelamente à construção dos primeiros edifícios da nova instituição (Fig. 1).



Fig.1. Edifício Arthur Bernardes., Campus UFV, Viçosa, MG (Foto: Museu histórico da UFV)

Como para o Ecletismo, as formas modernas também foram absorvidas e disseminadas para a região através de um câmbio de idéias proporcionado pelo intenso fluxo de pessoas<sup>6</sup> criando várias camadas urbanas da história da arquitetura local e regional às quais HARVEY (1996) chamou de palimpsesto urbano.

No caso de Viçosa, seu acervo arquitetônico está em risco iminente de desaparecimento em função da taxa de crescimento da cidade nas últimas décadas. Mas não apenas aí o descaso é premente. Na sua vizinhança, integrantes do crescimento regional, o risco se soma ao desconhecimento ou, no mínimo, à falta de registro oficial. O efeito dominó pode ser desenvolvido com facilidade em virtude de várias causas como a busca pelo

---

<sup>6</sup> Observamos que a cultura de arquivamento de jornais, desenhos técnicos e documentos oficiais ainda é muito recente no país, principalmente no interior. Encontra-se em geral uma dificuldade de levantar dados comprobatórios desse câmbio de informações nas localidades estudadas.

novo e mudanças de padrão de vida. Esse processo de modernização incorpora simultaneamente um processo de destruição fáustica do passado (GOETHE, 1968).

### 1. O eixo Ponte Nova – Viçosa – Ubá

Nosso estudo está sendo delimitado com base nos limites geográficos da rodovia BR-120 que liga Ponte Nova a Ubá. Desde o último quartel do século XIX a ligação com o Rio de Janeiro, então capital federal, foi bastante intensa, através da Leopoldina Railway. Apesar de ter sido o principal meio de transporte entre essas cidades até a década de 1960, uma queda na produção agrícola regional simultaneamente à falta de investimentos nas ferrovias deixou a região em um processo de decadência (Fig.2).<sup>7</sup>



7 como por exemplo, Ponte Nova. Ver dados mais adiante, na Tabela 1.  
 Fig.2 : Detalhe do mapa de cobertura das linhas ferroviárias Leopoldina Railway, com com a área trabalhada pela pesquisa marcada em amarelo. (Fonte: Mapa da cobertura das linhas da Leopoldina Railway [1947])

Nesse prisma, ao compararmos a tabela de dados populacionais das cidades<sup>8</sup> abrangidas por esse eixo ferroviário (Tabela 1), podemos verificar que algumas delas tiveram decréscimo ou estagnação, como Ervália e Ponte Nova, enquanto em Viçosa e Ubá houve um grande aumento. Ao transformar-se Ubá em polo moveleiro e Viçosa em polo educacional, houve um aumento populacional nessas cidades que implicou na valorização do solo urbano e a substituição das antigas construções por terem se tornado inadequadas às novas demandas. Ponte Nova é um polo regional de processamento de suínos e aves além de sediar uma infraestrutura regional na área da saúde e da educação. Abriga há várias décadas a Superintendencia Regional de Educação e ambas cidades oferecem atendimentos hospitalares de maior complexidade. Recentemente, dois aeroportos encontram-se em fase final de obras: um em Viçosa e outro em Ubá. No campo cultural, a separação física em torno de cinquenta quilômetros as mantiveram em permanente contato.

Cidade	Data de emancipação/ Município Pertencente	População (1960)	População (2009)
Amparo do Serra	1962 Ponte Nova	-	5.362
Araponga	1963 Ervália	-	8.328
Cajuri	1962 Viçosa	-	4.106
Canaã	1962 Viçosa	-	4.795
Coimbra	1948 Viçosa	5.730	7.209
Divinésia	1962 Ubá	-	3.409
Ervália	1938 Viçosa	20.924	18.855

---

<sup>8</sup> É bom observar que a emancipação desses municípios se deu sempre entre os anos 1930 e 1960 e que a fundação dos municípios originais data na sua grande maioria do século XIX – ou seja, são municípios criados já em pleno século XX. Devemos fazer uma consideração aqui sobre a emancipação simultânea de várias cidades observadas na Tabela 1. Nos arquivos da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais (Lei Nº 1039 de 1953, Lei Nº 2764 de 1962 e Lei Nº 336 de 1947), vimos que essa emancipação se deu de forma concomitante em diversas cidades do estado junto com uma nova demarcação das suas divisas. Isso se fez necessário num país que estava se tornando eminentemente urbano e com uma população que crescia a cada ano.



Guaraciaba	1948 Viçosa	12.093	10.820
Guiricema	1938 Visconde do Rio Branco	15.319	9.116
Paula Candido	1838 Viçosa	8.477	9.404
Pedra do Anta	1962 Viçosa	-	3.731
Ponte Nova	1866 Mariana	65.428	57.654
Porto Firme	1953 Piranga	10.891	10.989
São Geraldo	1948 Visconde do Rio Branco	10.325	9.846
São Miguel do Anta	1953 Viçosa	13.235	7.099
Teixeiras	1938 Viçosa	15.338	12.187
Ubá	1857 Mariana	49.874	99.708
Visconde do Rio Branco	1882 Ubá	24.662	37.228
Viçosa	1876 Mariana	25.684	74.171

Tabela 1: Evolução Populacional nos Municípios. Fonte: Censo demográfico do IBGE 1960 e IBGE@Cidades. (Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, acessado em 22.mar.2010)

## 2. O acervo regional

O registro da produção de obras públicas de caráter moderno concluídas entre 1945 e 1975 aproximadamente tem identificado exemplares notáveis. A montagem de um banco de dados para consulta pela World Wide Web disponibilizará os resultados desse inventário, com base no formulário-padrão do DOCOMOMO International, dentro em breve.

Até o momento, foram visitadas metade das cidades listadas na Tabela 1. As viagens foram esclarecedoras para perceber a dificuldade existente ainda hoje no trânsito entre elas pelo fato de que os ramais da ferrovia não atendiam a todos esses municípios, mesmo por que muitos deles eram antigos distritos. Vivendo muitas vezes como na época pré-industrial, o trajeto para acesso entre a vizinhança era feito sem veículos automotores. A ferrovia, mesmo sem alcançar todos esses municípios, era utilizada para distâncias maiores tanto de cargas como de passageiros e se diferenciava daquela dos Estados Unidos e da Europa que investiram no transporte para viagens de curtas e longas distâncias.

Começando por Cajuri, que cresceu de forma linear ao longo do leito da ferrovia, distante apenas 15 km de Viçosa, a sede da Prefeitura Municipal tem o predomínio da horizontalidade em sua volumetria marcada pela estrutura em concreto e características como uma varanda em balanço no primeiro pavimento, com o uso de cobogó cerâmico no guarda-corpo (Fig. 3).



Fig. 3. Prefeitura Municipal de Cajuri. (Foto: Arquivo pessoal de Bruno Dalto, tirada em janeiro 2011.)

No entanto, ficamos receosos, e talvez seja arriscado, apontar uma adoção da linguagem moderna mais ortodoxa, sem maiores informações sobre a autoria e as origens desse projeto. Mesmo podendo compará-lo, pela fachada, com outras obras modernas<sup>9</sup> ainda assim poderia haver equívocos se pensarmos que os elementos usados na composição da fachada eram materiais facilmente encontrados nas lojas de materiais de construção na época.

Pela data da construção, podemos dizer que a obra é o símbolo do poder municipal que acabara de ser criado: a cidade foi emancipada em 1962 (BRASIL, 1949) e a construção do prédio foi iniciada em 1965 e concluída em 1969<sup>10</sup>. Sua localização é estratégica sendo próxima à igreja matriz e à estação ferroviária e ainda próxima às residências mais imponentes e o comércio local. É interessante observar que algumas residências, vizinhas a esse edifício, adotaram a mesma volumetria.

Enquanto, a prefeitura de Cajuri suscita dúvidas quanto a adoção de uma linguagem verdadeiramente moderna, uma das casas próximas (Fig. 4) deixa isso mais evidente. A residência se diferencia das casas ao seu redor pelos seus elementos: o afastamento da rua com jardim, a horizontalidade marcante fazendo com que a fachada ocupe o terreno de lado a lado, pequena rampa de acesso, grandes lajes arrojadas e sem vigamento visível, cobogó como guarda-corpo, o uso de mosaicos cerâmicos e mesmo o telhado inclinado no sentido oposto à rua. Essa cobertura configura-se como um projeto com linguagem de vanguarda até hoje na cidade. Sua localização privilegiada no centro da cidade faz dela uma referência para toda a população.



Fig. 4. Residência de Salim José, Cajuri, MG. (Foto: Arquivo Pessoal Marta Camisassa, 20 de Janeiro 2011.)

<sup>9</sup> Podemos citar, nesse sentido de tradições, o Grande Hotel de Ouro Preto de Niemeyer, o Hotel São Clemente de Lucio Costa, entre outras.

<sup>10</sup> Informações contidas em placa comemorativa na entrada do edifício.

Outras residências chamam a atenção pelas características modernas numa cidade que pouco cresceu durante os últimos 40 anos (ver Tabela 1). Isso se deve, talvez, ao enriquecimento causado por uma grande cultura agrícola da época (JACOB, 1911). Até hoje a economia local é baseada na agricultura e isso a levou a consolidar os meios de transporte possíveis para sua produção agrícola.

A cidade de Coimbra, distante 20km de Viçosa, guarda obras de grande valor arquitetônico, sem destaque para os edifícios públicos, com intrigantes adaptações das idéias da época. A exemplo disso, a residência à Praça Álvaro de Barros possui uma única coluna, revestida de pastilhas coloridas, que se encontra com a laje através de um delicado capitel (Fig. 5). Também é revestido de pastilhas a face externa da marquise em balanço na varanda, formando um acabamento singelo.

Essa residência, assim como o edifício da Prefeitura de Cajuri, suscita dúvidas quanto a adoção de uma linguagem selecionada previamente. Constata-se uma ambiguidade estilística no uso desses elementos, ficando a dúvida sobre a opção entre uma tendência Art Déco e uma modernização de características ecléticas com o uso de novos materiais e técnicas disponíveis no mercado.



Fig 5. Residência em Coimbra. (Foto: Arquivo Pessoal Marta Camisassa, 20 de janeiro 2011.)

Em Teixeira, o Fórum da cidade, sede de comarca desde 1938 e cujo novo prédio foi construído em 1978 (Fig.6) se assemelha fortemente ao Fórum de Mariana (Fig.7). A encomenda dos projetos tendo sido centralizada nas Secretarias de Estado explica esse resultado: algumas

construções se repetem em diversas cidades pelo uso de um projeto padrão para cada função<sup>11</sup>. Mas o que chama a atenção é a preocupação estética na composição de pilares esbeltos vencendo dois pavimentos que suportam a laje de cobertura dispostos de maneira ordenada, conferindo-lhe uma imponência à obra. Sua composição formal é clássica, marcada pela racionalidade e simetria dos elementos, o que a torna ainda hoje uma construção contemporânea sendo que não mantém uma regularidade rígida.



Fig.6: Foto do edifício do Fórum de Teixeira-MG, (Foto: Tamyres Virgínia Lopes Silveira, feita no dia 22 de agosto de 2010.)



Fig. 7: Foto atual do Fórum de Mariana-MG. (Foto: Bruno Dalto do Nascimento, setembro de 2010)

Poderíamos dizer que esse edifício possui um traçado de características clássicas, com simetria frontal e transversal. Há uma escada interna

---

<sup>11</sup> Nesse sentido parece existir um fórum padrão, uma escola padrão, uma cadeia padrão, etc. Esses estão disponíveis para consulta pública no Arquivo Público Mineiro e nos arquivos SETOP, disponíveis endereço: [www.acervosetop.mg.gov.br](http://www.acervosetop.mg.gov.br)

centralizada com saídas simétricas que levam ao primeiro andar, sendo ela um elemento de integração visual de toda a parte de circulação interior (Fig. 8).

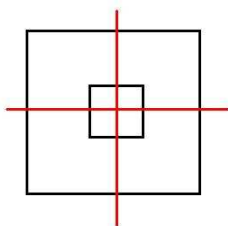


Fig. 8 – Croquis esquemático da planta do Fórum de Teixeira mostrando a localização centralizada da caixa de escada e os eixos de simetria.

Volumes salientes nas fachadas construídos em alvenaria aparente conferem uma riqueza volumétrica ao edifício. Nesta obra é possível notar um uso maduro de materiais de construção frutos da industrialização nacional. Os materiais como o tijolo prensado eram produzidos em larga escala na época bem como outros como tintas especiais, seladores, cimento, vidro e as esquadrias, produzidos industrialmente.

Comparado a outras obras de vulto do mesmo período, como o Ministério da Justiça em Brasília, projeto de Niemeyer, notamos diversas semelhanças que não deixa dúvidas quanto a adoção de uma linguagem moderna reiterada pelo tipo e modo de utilização dos materiais.

Em Viçosa, o número de edifícios com linguagem moderna está superando as expectativas iniciais. A cidade possui um conjunto residencial vasto devido a crescente classe média da época, que adotava a linguagem das grandes cidades em que moravam ou visitavam. Dentre os prédios públicos, podem ser citados: o Colégio Arthur da Silva Bernardes – CASB (Fig. 9) e a Prefeitura Municipal (Fig. 10) como importantes exemplos da disseminação da linguagem moderna na cidade.



Fig. 9: Colégio Arthur da Silva Bernardes. (Foto: Arquivo pessoal Raquel Anício Bernardo, tirada em 19 de fevereiro de 2008.)



Fig. 10: Prefeitura Municipal de Viçosa.  
(Foto: Arquivo pessoal de Bruno Dalto,  
feita em 22 de agosto de 2010.)

O prédio da Prefeitura Municipal, construído no final na década de 1950<sup>12</sup> demonstra claramente uma separação de planos. As partes em concreto da estrutura e os planos de vedação aliados ao uso intensivo de grandes vãos envidraçados formam um conjunto de planos e linhas independentes. A idéia de volume como massa é portanto eliminada, lembrando uma composição neoplástica já que cada plano, cada elemento estrutural ou de vedação é quase laminar.

Em contrapartida, no setor privado, o antigo Clube Social (Fig. 11) na Avenida Peter Henry Rolfs, tem as mesmas características, mas já demonstra atualmente um processo de descaracterização, com a aplicação de novos revestimentos, mudanças nos planos de vedação e as placas de divulgação do comércio no andar térreo que obscurecem as características formais da obra. Esse edifício mostra semelhanças de partido com o CASB e com diversos projetos modernos de grande valor no país: volumetria horizontal, janelas em fita e uma parte da fachada revestida de cerâmica (hoje sobreposta por uma camada de tinta assim como no CASB).



Fig. 11: Edifício da antiga sede do Clube Social. (Foto: Arquivo Pessoal Bruno Dalto, feita em 22 de agosto de 2010.)

---

<sup>12</sup> Segundo dados do inventário do local da Secretaria de Patrimônio de Viçosa, o prédio foi construído para ser a sede do Vicoso Clube.

Ao mesmo tempo, deparou-se com uma obra na pequena cidade de Pedra do Anta, distante 25 km de Viçosa, também projetada para sediar inicialmente um clube social (Fig. 12). Essa função parece ter sido comum na época. Mesmo por que, ainda há que se investigar as razões das propostas de áreas públicas de lazer pelos governos municipais, lembrando que são posteriores ao projeto da Pampulha, em Belo Horizonte<sup>13</sup>. Mesmo assim, fica clara a adoção de uma linguagem modernizadora – uma parede em curva na esquina demonstrando um arrojo construtivo - pelos setores público e privado no século passado. Até mesmo pelo partido: a curva que acompanha a esquina foi uma estratégia comum na capital Belo Horizonte pelos edifícios modernos de prédios públicos e privados<sup>14</sup>.



Figura 12. Câmara Municipal de Pedra do Anta, antigo Clube Social. (Foto: Bruno Dalto do Nascimento, 22 de agosto de 2010)

O resultado parcial nos leva a ter grandes expectativas quanto à quantidade e qualidade dos projetos a serem encontrados nas próximas cidades, confirmando as hipóteses de que houve uma decidida adesão da linguagem modernizadora pelos órgãos públicos e que este seria um grande responsável pela sua difusão.

---

<sup>13</sup> Também podemos citar o caso do Clube Municipal do Rio de Janeiro projetado pelo arquiteto Aldary Henrique Toledo. (In: **Arquitetura e Engenharia**, Belo Horizonte, n. 27, 1953, ano V)

<sup>14</sup> A parede em curva foi utilizada de forma destacável no prédio do Cine Brasil, em Belo Horizonte, MG, no início da década de trinta, com projeto de Angelo Murgel. Poderia ter servido de modelo para as soluções em esquinas de ângulos agudos.



A inexistência de arquivos municipais e mesmo nas Secretarias de Obras e a falta de registros dos projetos aprovados deixa o pesquisador sem informações básicas como dados de autoria, proprietário original, desenhos técnicos e, assim, com uma análise um tanto superficial e duvidosa. O próprio objetivo deste trabalho de documentação e de um registro acadêmico deixa no ar uma questão para os órgãos visitados. Outras fontes ainda serão consultadas como o/a departamento/secretaria estadual de obras públicas (DEOP/SETOP), com sede em Belo Horizonte.

Dos exemplares mostrados aqui, vemos que, apesar de construídos há mais 30 anos, ainda são bastante contemporâneos em sua forma e, portanto, não se configuram como “obras antigas” para os leigos no assunto, embora importantes figuras nas decisões dos Conselhos municipais de cultura e patrimônio histórico. Com isso, reiteramos nossa justificativa de trabalho de registro como forma de contribuição de divulgação e estudos desse grande acervo de qualidade.

### 3. Agradecimentos

Agradecemos o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG e do Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq para a realização deste trabalho.

### 4. Referências

AMARAL, A. A. **Artes plásticas na semana de 22**; subsídios para uma história da renovação das artes no Brasil. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BRASIL, IPHAN. **Guia dos Bens Móveis e Imóveis Inscritos no Livro de Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 1938-2009**. Disponível em

<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1356>, Acessado em 22.mar.2010.

BRASIL, DER, MG. **Mapa Rodoviário do Estado de Minas Gerais**. Secretaria Estadual de Transportes, Governo do Estado de Minas Gerais 1964.

BRASIL, MG. Decreto-Lei nº 336, de 1º de janeiro de 1949 a 31 de dezembro de 1953. Estabelece a divisão administrativa e judiciária do estado. **Diário do Executivo de Minas Gerais**, 28dez.1948, Pág. 1 Col. 5 Microfilme 91, 195

BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea do Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

**Cataguases - arquitetura modernista:** guia do patrimônio cultural/  
organizado por Paulo Henrique Alonso. Cataguases: Instituto de Estudos do  
Desenvolvimento Sustentável, 2009

GOETHE, J. W. **Fausto**. Trad. Silvio Meira. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

HARVEY, D. **Espaços urbanos na “Aldeia Global”:** Reflexões sobre a  
condição urbana no capitalismo no final do século XX. Cad.arquit.urban.,  
Belo Horizonte, nº4, p. 171-189, maio de 1996.

JACOB, R. **Minas Gerais no XX século**. Rio de Janeiro: Gomes Irmao &  
Co., 1911.

LARA, F. A insustentável leveza da modernidade. In: **Arquitextos** 057, fev.  
2005, Portal Vitruvius.  
<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp273.asp>, acessado em  
22.mar. 2010.

PANIAGO, M. C. T. **Viçosa – mudanças socioculturais – evolução  
histórica e tendências**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1991.

**Pequena mostra de Arquitetura Moderna:** João pessoa e Campina  
Grande nos caminhos do mo\_mo.tur [do] 3o. Seminário DOCOMOMO  
Norte Nordeste/Fabiano Rocha ... [et al.]. (org.) -- João pessoa: Editora  
Universitária/UFPB, 2010.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil : 1900-1990 / Hugo Segawa**. São  
Paulo : EDUSP, 2002, 2. ed., 1. reimpr.

TINEM, N. **O alvo do olhar estrangeiro:** o Brasil na historiografia da  
arquitetura moderna. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

TOLEDO, A. H. Clube Municipal. **Arquitetura e Engenharia**. Belo  
Horizonte, nº 27, ano V. 1953